

AS DESCONTINUIDADES DA PRÁTICA EDUCATIVA TOMADAS PELO VIÉS DA PSICANÁLISE

Lindalva Pessoni Santos¹

Resumo: Este trabalho, em síntese, é uma discussão sobre as proposições da prática educativa delineadas pelo campo da pedagogia e da didática em seu contraponto com as proposições do campo da psicanálise em relação à constituição do sujeito e dos processos de formação aos quais está submetido. Ao colocar em discussão, principalmente, as descontinuidades da prática educativa, tomadas pelo viés da psicanálise, não se teve a pretensão nem de complementaridade, nem de aplicabilidade de um campo do saber sobre o outro; a perspectiva desejada consiste em desencadear, pelo menos, outras inquietações a quem se propõe pensar sobre o ato educativo.

Palavras-chave: Prática educativa. Pedagogia. Didática. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

O que se busca refletir, neste trabalho, é que a prática educativa, além das questões conscientes, dizíveis, decifráveis, comunicáveis, comporta um avesso, uma dimensão inconsciente, irreduzível, indecifrável, que, por mais que seja ignorada, não arreda o pé e, sem cerimônia, subverte o sentido formal e universal em que ela se edifica.

METODOLOGIA

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica, mas sem desconsiderar os efeitos dos discursos (didático-pedagógico e psicanalítico) sobre o pesquisador, tanto em sua forma de dizer (teorizar) quanto em sua atuação profissional no campo educativo. Portanto, há de se considerar neste trabalho a implicação do pesquisador em sua pesquisa.

REVISÃO DE LITERATURA

Buscamos destacar que a ênfase no *como ensinar* e no *como aprender* foi deslocando-se em cada contexto histórico e se atracando em determinado momento em um porto seguro: ora se centrava na figura do professor e na aplicação rígida de passos; ora na

¹ - Mestre em Educação pela UFG, Pedagoga. Professora de Didática e Prática de Ensino UEG - UnU – Inhumas e Professora da Rede Estadual de Ensino de Goiás. E-mail: lindalpessoni@yahoo.com.br. Pôster – GT – Didática, Práticas de Ensino e Estágio.

figura ou na necessidade do aluno, entendendo que o ato pedagógico se estrutura na ação e não na instrução; ora nos meios, ou seja, o ensino consistiria em preparar e organizar situações para que sejam adquiridos os esquemas desejados que garantam a aprendizagem.

Assim, destacamos, num primeiro momento, as principais concepções de ensinar gestadas no campo da didática, que vive hoje um momento de transição paradigmática em que se busca, como uma das possibilidades, romper com a ênfase em polos extremos (como descritos anteriormente) e centrar seu campo na complexidade da prática educativa.

Para fechar essas questões e mais precisamente para marcar o ponto de inflexão deste trabalho, buscamos pontuar que, apesar de se constituírem inúmeras e distintas propostas didático-pedagógicas, nenhuma delas escapa de apontar um ideal a ser alcançado, nenhuma das proposições delineadas titubeia em nomear uma forma de contornar as discontinuidades e obter resultados positivos; na verdade, nenhuma delas computa que há uma falta/impossível de ser simbolizada que envolve o ato educativo.

Passamos a discutir a prática educativa num viés psicanalítico e seus efeitos ao avesso, passamos a questionar quais são as conseqüências que podemos depreender da principal descoberta do campo da psicanálise, o inconsciente, perante os grandes impasses que são enfrentados hoje no cotidiano escolar.

O sujeito do inconsciente se faz presente nos fenômenos educativos. Mesmo que nada saibamos disso, ele está presente, descentrando e dividindo o sujeito geralmente concebido como uno. Nesse ponto buscamos discutir as implicações do sujeito dividido e os mal-estares e mal-entendidos que são vivenciados na prática educativa. Pontuamos que as incongruências vivenciadas no ato de educar estão ligadas em parte ao avesso que nos habita e que de uma forma ou outra vem à tona; esse avesso é constituído pelas “representações inconscientes”, que estão o tempo todo operando, colocando à prova o sujeito ativo, consciente e intencional.

Mesmo planejando rigorosamente nossas práticas educativas é impossível prever o ponto de encontro entre o que se ensina e o que se aprende. A questão irreduzível que habita a prática educativa consiste em não termos como controlar os efeitos produzidos nessa trama. Não temos, na verdade, como assegurar somente resultados positivos, funcionais, desejáveis; eles serão produzidos em meio aos entraves e aos resultados negativos. Sobre essa questão, Lemos (2007, p. 86- 87)) afirma que

[...] uma das maneiras de situar o impossível que opera nesse encontro é o fato (provocador de angústia para muitos!) de que, naquilo que se recolhe como resultado de “aprendizagem” descobrimos que o que o professor ensina não é aquilo que o aluno aprende, e vice-versa. Falta correspondência. Em alguns momentos a experiência nos confronta justamente com essa dimensão do impossível; a de não saber o que de fato ensinamos a alguém quando nos surpreendemos, horrorizados, ao descobrir, no aluno, o avesso daquilo que acreditávamos ter transmitido. Decepção?

Para contornar ou reverter às discontinuidades, os teóricos buscam a substituição ou incremento de algum elemento na engrenagem da prática educativa, que parece estar sempre com uma peça enguiçada. Ao recorrer, por exemplo, a alguns conceitos da psicanálise, os teóricos do campo da educação buscam incrementar as suas teorias. O propósito geralmente presente é o de se apropriar de um suposto saber que a psicanálise deteria sobre o psiquismo humano, no tocante às suas representações subjetivas. Uma das tendências que mais claramente utiliza, desse modo equivocado, os conceitos da psicanálise é o ideário psicopedagógico, que, segundo Vorcaro (2008, p.20), “supõe que a psicanálise deteria uma verdade última sobre o sujeito”, aquela que estaria inconscientemente reprimida e que poderia ser revelada por meio de um processo de escuta singular, na mesma perspectiva da clínica. Freud, nos primórdios de suas elaborações delineou muitos projetos que articulavam a educação ao saber da psicanálise, porém ele caminhou a passos largos de fazer dessa articulação um novo método de educar.

Pontuamos que a transmissão do desejo (de saber) encontra-se nos interstícios da palavra e essa questão nos remete a discutir à constituição psíquica do sujeito, ou seja, diz respeito à própria condição de sua emergência. O sujeito não se constitui como tal senão atravessado pela educação. Segundo Lanjonquiére (2003) educar é precisamente a transmissão de marcas simbólicas a cada pequeno ser que chega ao mundo. Quando o bebê nasce, ele é imerso no funcionamento do grupo social ao qual pertence, fazendo com que seu corpo biológico passe a ser afetado pelas experiências educativas que guiam os valores familiares. Essa forma inicial de se endereçar ao bebê abre o leque de possibilidades para outras filiações simbólicas futuras, que serão desencadeadas em outros aspectos e contextos, como por exemplo, o contexto escolar. Os primeiros vínculos do ser humano, consequências dos cuidados maternos, afetam o corpo, que, significado pelo “discurso parental”, passa a servir de matriz para a entrada da criança, futuramente, no mundo adulto. Para Cohen (2006, p. 93):

Assim como a função materna deixa marcas profundas de um desejo que não é anônimo no corpo do infans, o educador, com seu estilo de ensinar, transmite a relação que mantém com o saber nas entrelinhas de seus ditos, sejam estes verdadeiros ou falsos segundo a lógica formal. Para além do que ele diz, emerge um *dizer* que não pode chamar de certo ou errado, pois carrega consigo traços únicos, isto é, seu estilo. Isso passa, isso transmite. Mesmo quando o professor apenas lê um texto, algo desse indizível perpassa a voz, os gestos, os afetos, entendidos como interpretações singulares que traçam caminhos e orientam, para ser, nesse mesmo movimento, novamente interpretado pelos alunos de acordo com uma lógica que lhe é particular.

A transmissão do saber resulta de inscrições simbólicas dadas pelo Outro, no entanto isso não significa necessariamente o retorno na íntegra das inscrições empreendidas, pois delas pode advir um outro modo de ser ou de fazer, diferente daquele que supomos ter ensinado; esse reverso indica que não temos controle sobre o que transmitimos. Na verdade, quando se tem a pretensão de educar alguém, a primeira questão que se impõe é que se trata de uma empreitada incerta, é um projetar-se sem garantias a priori. Segundo Abramowski e Antelo (1999, p.134-135) “chamamos educação à tentativa impossível, mas necessária, de que as coisas funcionem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos esforços teóricos no campo educativo para delinear um processo de ensino-aprendizagem mais congruente, consideramos que a transmissão do saber está condicionada ao desejo (inconsciente). Mesmo que nada saibamos disso, ele está em cada gesto, em cada retorção, em cada impasse, entre pais e filhos, professores e alunos, ou seja, em cada ato de educar e de ensinar defrontamo-nos a toda hora com o sujeito aferrado ao seu *desejo*, operando segundo sua lógica. Esse *desejo* é articulado no inconsciente, mas não pode ser articulado pelo sujeito, formulado em palavras, por isso sua inapreensibilidade do ponto de vista de formulações teóricas.

Um modo ideal de educar e ensinar nem a pedagogia nem a didática, muito menos a psicanálise têm a ofertar aos educadores; essa é uma questão impossível de ser produzida por este ou aquele campo do saber. As implicações com o campo da psicanálise estão longe de produzir um novo fazer pedagógico que permita operar um verdadeiro saber no campo da subjetividade humana, que proporcione um modo mais acertado de educar e de ensinar. Portanto, estar implicado com o campo da psicanálise não possibilita ao professor

adquirir nenhum método novo para capturar o sujeito, mas passa-se a levar em consideração a sua constituição e os processos de formação aos quais está submetido.

O que tentamos discutir neste trabalho, é que há um avesso implicado em toda trama educativa, que não cessa de inscrever seus traços na tecedura desse ato, ou seja, por mais que se queira a organização de uma prática educativa consciente, organizada e intencional, isso escapa ao domínio de todo e qualquer educador, queira ele ou não, pois o sujeito advém a seu modo (singular), driblando as proposições do campo educativo. Nessa perspectiva, concluímos que a prática educativa porta uma dimensão impossível de ser capturada por qualquer campo do saber. No entanto, essa impossibilidade não impede a busca de formas mais adequadas de eliminar os mal-estares e os mal-entendidos presentes no ato de educar. Ao contrário, entendemos que a falta é que move o sujeito e faz com que a humanidade não se estagne em suas elaborações e em seus feitos, quaisquer que sejam os campos do saber.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWSKI, Ana Laura; ANTELO, Estanislao. Movimentos do negativo no Ensino Médio: como abandonar a Pedagogia Ingalls? *Estilos da Clínica*- Revista sobre a Infância com Problemas, vol. IV, n.º 7, 2.º semestre de 1999, pp.131-137.

COHEN, Ruth Helena Pinto. *A lógica do fracasso escolar: psicanálise e educação*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A infância que inventamos e as escolas de ontem e de hoje. *Estilo da Clínica*, 2003, vol. VIII, n.º 15, p. 140-159.

LEMOS, Maria Teresa Guimarães. Desejo de educar? *ETD*, Campinas, vol. 8, n.º esp., p.80-89, jun., 2007.

VORCARO, Ângela. O que se quer quando se quer ensinar? VII *Colóquio Linguagem e Educação*. Goiânia: Faculdade de Educação; CEPAE, 2008. [Mímeo.]